

Até onde vai a Ponte? Os desafios de um empreendimento jornalístico

Preparado por Camilo Gomide¹, Gabriel Vituri², Renato Essenfelder³, da ESPM-SP⁴.

Recomendado para as disciplinas de: Empreendedorismo em Jornalismo, Gestão em Negócios de Mídia e Ética Jornalística.

RESUMO

O caso “Até onde vai a Ponte? Os desafios de um empreendimento jornalístico” narra a história e os bastidores da Ponte Jornalismo, empresa criada por repórteres veteranos e premiados na cobertura de Segurança Pública e Direitos Humanos no Brasil. O caso conta como a empresa surgiu e coloca as dificuldades que seus associados – principalmente o presidente da Ponte e protagonista deste caso, o jornalista Bruno Paes Manso – têm para manter a iniciativa de pé: dissonâncias na equipe, gestão ainda pouco profissionalizada, escassez de recursos para produzir reportagens e remunerar satisfatoriamente seus integrantes, estrutura deficitária. A situação problema permite discutir como funciona uma iniciativa empreendedora em jornalismo e quais são os obstáculos para se firmar em um mercado com tantas contradições e peculiaridades como o de jornalismo, em que empresas privadas exercem uma função orientada ao interesse público: a reportagem.

Outubro/2015

1 Jornalista formado pela Faculdade Cásper Líbero. Atualmente, é repórter da revista Planeta, da Editora Três. Já passou pelas redações do Educar para Crescer e do Guia 4 Rodas e colaborou com Isto É, Isto É Dinheiro, revista Nova Escola, Veja Comer & Beber, entre outras.

2 Jornalista formado pela Faculdade Cásper Líbero, tem experiência como repórter de Cidades e Cultura. Passou pelas redações dos sites do jornal O Estado de S. Paulo e da MTV Brasil, e colaborou com SESC-SP, Vice, O Retrato do Brasil e Folha de S. Paulo, entre outros. Atualmente, edita sites do núcleo de revistas masculinas da Editora Abril.

3 Professor da graduação em Jornalismo da ESPM e colunista do Estadão.com. Foi repórter e editor da Folha de S.Paulo e do jornal Metro. É mestre em Língua Portuguesa (PUC-SP) e doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP).

4 Este caso foi escrito inteiramente a partir de informações cedidas pela empresa e outras fontes mencionadas no tópico “Referências”. Não é intenção dos autores avaliar ou julgar o movimento estratégico da empresa em questão. Este texto é destinado exclusivamente ao estudo e à discussão acadêmica, sendo vedada a sua utilização ou reprodução em qualquer outra forma. A violação aos direitos autorais sujeitará o infrator às penalidades da Lei. Direitos Reservados ESPM.

Contexto de construção da Ponte

Datena: Ô, Juneca, você que matou o rapaz?

Juneca: Que foi, foi, né? Mas o cara tentou estrupar (sic) uma menina inocente e isso não é admissível, não.

Datena: E então, você, o que é que é? Você é juiz? Para matar alguém, pra executar alguém. Você é juiz?

Juneca: Eu? Juiz?

Datena: É, porque você matou o cara. Você culpou o cara e matou o cara. Então você é juiz? Você é juiz pra matar?⁵

O ano é 2013. Em uma tarde como outra qualquer, o apresentador José Luiz Datena, do Brasil Urgente, da TV Band, fala com um suspeito de homicídio por meio de um link ao vivo com o Distrito Policial. Em pouco mais de três minutos, Datena apresenta, acusa, sentencia e execra publicamente o indivíduo identificado apenas como “Juneca”.

É apenas mais um dia de trabalho.

Durante todas as tardes, de segunda a sexta-feira, o Brasil inteiro é bombardeado com programas televisivos de estirpe sensacionalista. Seu foco principal é a guerra diária travada entre policiais e criminosos, ilustrada com imagens ao vivo e entrevistas inflamadas, sempre mediadas por apresentadores de gestos teatrais aparentando sede de justiça.

Dois nomes personificam esse modelo de cobertura no Brasil: José Luiz Datena e Marcelo Rezende, do Cidade Alerta (Record). Subvertendo o princípio de presunção de inocência, no calor do momento, ambos bradam improperios contra supostos criminosos, pedem a morte de acusados de estupro ou homicídio e enaltecem a polícia, ignorando possíveis equívocos e informações importantes e nebulosas que só se revelarão dali a horas ou dias.

Programas desse tipo, com suas variantes regionais, constituem o padrão de cobertura de notícias relacionadas à violência no País. Em jornais e sites noticiosos, essas pautas são geralmente integradas às editorias de “cidades” e acabam diluídas entre assuntos diversos – variando de grau de sensacionalismo, de acordo com a publicação –, com pouco ou nenhum espaço para reportagens investigativas de maior fôlego.

Consciente do panorama empobrecido do jornalismo policial e de cobertura de direitos humanos, justiça e segurança pública no País, um grupo de jornalistas com experiência na área passou a se encontrar regularmente em março de 2014 para construir uma iniciativa independente de mídia: um portal on-line que tratasse exclusivamente do assunto em artigos, notícias e reportagens e que expandisse o debate em torno do tema, aprofundando a discussão. “Tivemos a ideia de começar algo no estilo do Marshall Project, um projeto de segurança pública do Bill Keller, que saiu do The New York Times. De início, faríamos uma série de reportagens para a Agência Pública, mas depois pensamos que seria mais interessante se fizessemos algo constante, permanente”, explica Bruno Paes Manso, jornalista e pesquisador de pós-doutorado no Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP), um dos idealizadores da Ponte Jornalismo (www.ponte.org).

O início da Ponte foi financiado pela Open Society, uma fundação internacional que fomenta organizações relacionadas sobretudo a temas de direitos humanos, segurança e políticas públicas. O dinheiro, cerca de R\$ 4.500 por mês, era usado para pagar um salário a uma pessoa fixa que cuidava da operação editorial do dia a dia, bancava custos de infraestrutura do site e cobria parte do aluguel da “sede” da organização.

A Ponte Jornalismo fica entre a Bela Vista e o Bexiga, bairros da área central de São

5 A cena está disponível, na íntegra, em <https://www.youtube.com/watch?v=cRh41MDJ40k>. Acesso em 20/9/2015.

Paulo; na rua, travessa de uma importante e comprida avenida da região, o espaço é dividido entre estabelecimentos comerciais e casas assobradadas de fachada estreita. Numa delas está a Ponte. O Espacio 945, como é chamado o local, em uma alusão ao endereço em que se situa, abriga outras onze iniciativas de mídia independente, como a Revista Fórum, o coletivo Jornalistas Livres e o site Outras Palavras, que se espalham por salas distribuídas pelo imóvel.

Diferentemente de redações tradicionais, o espaço comum é informal, sem um controle rigoroso de acesso. Por estar sempre movimentado, no entanto, figuras desconhecidas podem ser interpeladas de forma amistosa por alguém que seja de casa, mais como um gesto de educação do que de fiscalização. Há um jardim interno ao ar livre com mesas e cadeiras onde é possível conversar, fazer reuniões ou até tomar um café que pode ser comprado no local por R\$ 3. Embora preserve um aspecto rústico, com tijolinhos à vista, e janelas e mobílias feitas em madeira, o Espacio 945 é definitivamente um lugar aconchegante e convidativo.

A Ponte, convém explicar, é o único veículo dali que não tem sala própria: como não existe dedicação integral ao projeto, um lugar amplo, com estrutura montada, é dispensável por enquanto, e por isso ela usa um espaço em que só há uma mesa e cadeiras do site Outras Palavras para fazer suas reuniões, sempre conduzidas com “o único bem da Ponte Jornalismo”, como diz o jornalista e cofundador André Caramante: um notebook.

Embora tenha durado quase um ano, aquele suporte financeiro que proporcionou a criação da Ponte era insuficiente para quitar todas as despesas, o que levou os fundadores a tirar uma parte do próprio bolso para manter esse espaço físico funcionando, ainda que ele sirva por ora apenas para as reuniões.

Bruno Paes Manso foi repórter do caderno Metrópole do jornal O Estado de S. Paulo durante quase dez anos. Além dele, também integravam a equipe inicial da Ponte: André Caramante, renomado repórter policial com passagens por diferentes veículos do Grupo Folha, hoje na TV Record; Claudia Belfort, antiga diretora do Jornal da Tarde, que também esteve à frente do site do Estadão; Laura Capriglione e Maria Carolina Trevisan (não mais na Ponte, e sim no coletivo Jornalistas Livres); além de Caio Palazzo, Fausto Salvadori Filho, Joana Brasileiro, Luis Adorno, Marina Amaral, Milton Bellintani, Natalia Viana, Paulo Eduardo Dias, Tatiana Merlino, Rafael Bonifácio e William Cardoso. Muitos deles, figuras bastante conhecidas – e premiadas – do jornalismo brasileiro.

A linha editorial da Ponte Jornalismo é centrada principalmente na cobertura de casos policiais, sempre dando ênfase para o lado mais fraco da cadeia – em outras palavras, às vítimas de abusos de autoridade e de falhas processuais, pessoas cujas vozes geralmente não encontram espaço na mídia, muito menos em programas como Brasil Urgente e Cidade Alerta. Existe, no entanto, um ponto importante a ser observado: “Se eu começo a ser visto como alguém que não gosta da polícia, a força da matéria é menor, porque a gente precisa ser justo com a história, inclusive com as autoridades. É jornalismo, não opinião”, diz Bruno, admitindo que eventualmente a Ponte escorrega nessa linha tênue.

O veículo funciona sem a hierarquia clássica de redação: não há editor, redator-chefe, repórter especial ou outros cargos preestabelecidos como há em jornais e revistas. Ainda que determinados jornalistas tenham mais experiência do que outros, cada texto é sempre lido por mais de uma pessoa. “Estamos unidos, pensamos de forma parecida, existe uma certa confiança, mas ainda não temos definido nosso modelo editorial. Existe esse desafio de definir algo novo, de curadoria, novas linguagens, mas isso demanda tempo”, explica Paes Manso.

Desafios administrativos e financeiros

Apesar da intenção de profissionalizar a Ponte, nenhum integrante recebe dinheiro ou ajuda de custo da organização. O trabalho, até o momento, é voluntário, e todos os envolvidos têm atividades paralelas remuneradas, como funcionários fixos de outras empresas ou como freelancers. Para conseguir manter uma estrutura fixa e constante, como havia sido pensado no projeto inicial, no início de 2014, a Ponte Jornalismo precisa de um financiamento de médio porte (cerca de R\$ 120 mil mensais), capaz de bancar salários fixos e custos de cobertura – tais como transporte, viagens, eventuais compras de reportagens e de fotos de terceiros, etc.

Por ora, não há restrições ou diretrizes bem delineadas sobre o que pode ou não entrar como apoio financeiro, embora Bruno Paes Manso admita que exista certa resistência interna sobre verbas que venham do governo federal. “Muita gente recebe: o Estadão recebe, a Veja recebe, mas isso precisa ficar claro para manter uma independência editorial e não direcionar a abordagem por conta do incentivo”, ele explica.

Hoje, a Ponte se sustenta com o dinheiro de uma poupança com fundos do próprio bolso de seus membros e do financiamento de um único projeto: um grupo de psicólogos que desenvolve um trabalho com moradores de rua para a Prefeitura de São Paulo contratou os integrantes do veículo para ministrar oficinas de jornalismo. A Ponte tem ainda uma parceria com a ONG Artigo 19, instituição formada por advogados alinhados à linha editorial do grupo.

Há no horizonte a possibilidade de um novo financiamento da americana Open Society para um projeto específico sobre homicídios, que duraria cerca de um ano. No entanto, além de o projeto ainda não ter sido aprovado, não há no horizonte outras possibilidades de investimento, pelo menos por enquanto. Para Paes Manso, seria fundamental para a Ponte encontrar um profissional que assumisse as funções de gestão do veículo, coisa que ninguém faz por ora: “Alguém que diga: ‘Eu sou o jornalista independente da Ponte que vai desbravar barreiras’, um cara que se sacrifique, corra atrás de grana, passe o pires”, diz.

No momento, porém, não há ninguém com esse perfil no projeto e a ideia de uma estrutura hierarquizada, com um cargo que centralize a tomada de decisões importantes, é motivo de discórdia no grupo, que se encontra em um impasse.

Bruno acredita que há múltiplas formas de financiamento possíveis para a Ponte, e que iniciativas independentes têm atraído cada vez mais a atenção das pessoas. Nenhuma delas, contudo, se concretizou até o momento.

Uma comparação entre o Marshall Project⁶, que inspirou a iniciativa brasileira, e a Ponte, revela uma série de semelhanças. Ambos são projetos que militam por um jornalismo apertado, mas não neutro, que fiscalize os poderes e fortaleça as instituições democráticas em um área pouco explorada pela imprensa com a seriedade necessária. Tanto um quanto o outro acreditam que a melhor forma de fortalecer uma marca nova é investindo na qualidade e na credibilidade do conteúdo.

Os desafios também são muito parecidos. Como consolidar uma audiência de um veículo com uma pauta tão específica? Qual a métrica para quantificar essa audiência? Vale a pena divulgar o conteúdo do site em portais maiores sem receber nada, apenas em troca de visibilidade?

Enquanto o Marshall disse sim a essas parcerias (exibindo reportagens em grandes veículos, como o Washington Post, por exemplo) a Ponte Jornalismo tem recusado propostas semelhantes para figurar em mídias como UOL, Folha e O Estado.

O Marshall Project, por outro lado, foi concebido por um ex-repórter que hoje é um investidor próspero do mercado de valores, Neil Barsky, e conta com uma lista de patrocinadores abonada – entre eles se encontra, por exemplo, a instituição da família Rockefeller, uma das mais ricas e influentes dos Estados Unidos, com longa tradição na indústria, em bancos e na

6 Disponível em <https://www.themarshallproject.org/>. Acesso em 20/9/2015.

política. Enquanto o Marshall Project tem à disposição um orçamento anual de US\$ 5 milhões, o maior patrocínio recebido até agora pela Ponte, em uma tacada só, rendeu R\$ 54 mil oriundos da Open Society, para o mesmo período.

Juridicamente, a Ponte tem uma estrutura hierárquica, mas que não se reflete em qualquer decisão prática, editorial e objetiva da instituição. Bruno, que legalmente é presidente do veículo, afirma não ter pressa, mas revela que a intenção de todos é tornar o site uma iniciativa jornalística rentável. “A gente quer ganhar dinheiro, ser sustentável. Nós consideramos o jornalismo uma carreira, uma profissão, e sabemos que apurar demanda tempo, técnica”, explica o ex-repórter do Estadão. E completa: “Jornalismo é diferente de ativismo: nós precisamos pagar para as pessoas que escrevem, do contrário não faz sentido. Segurança pública, justiça e direitos humanos são os nossos temas, mas jornalismo é a nossa meta”.

Presente. Futuro

As reuniões da Ponte Jornalismo acontecem semanalmente nas noites de terça-feira. Nelas, a ideia é que se discutam pautas, em andamento e as que estão por vir, e principalmente – pelo menos nos tempos mais recentes – formas de financiamento e profissionalização do projeto.

No dia 25 de agosto de 2015, o encontro tinha um clima de apreensão especial: havia doze dias que uma chacina na região metropolitana de São Paulo matara dezoito pessoas (na época, a décima nona vítima continuava internada, e viria a morrer no dia 27 daquele mês). As principais suspeitas recaíam sobre policiais militares, que teriam promovido os ataques para vingar a morte de um colega, e as reportagens que os integrantes da Ponte preparavam se baseavam nessa investigação.

Durante a reunião, alguns apresentaram material exclusivo, outros, pouco tempo antes do encontro, tinham descoberto elementos do processo que poderiam comprometer testemunhas, e por cerca de duas horas só se falou em jornalismo e reportagem – não apenas sobre a chacina, mas também sobre outros casos que envolviam elementos comuns à linha editorial do veículo.

Quando já passava das dez da noite, como quem se lembra de um compromisso até ali esquecido, alguém direcionou a conversa para o impasse econômico que a Ponte vive. Entre iniciativas de financiamento mais simples (confeccionar camisetas para que personalidades divulguem a existência do site, por exemplo) e mais complexas (apresentar novos projetos a longo prazo para entidades como a Open Society), continuou no ar a dúvida sobre quem de fato “passará o pires”, como havia dito Bruno Paes Manso.

Ao fim da reunião, foram definidos prazos para as reportagens, assim como para as iniciativas financeiras. Estas últimas, no entanto, pareciam propensas a ser adiadas. As primeiras, como qualquer notícia, não poderiam ser postergadas por motivos óbvios e tiveram seus deadlines bem definidos e anotados.

Naquela noite, voltando para casa, Bruno Paes Manso, presidente da Ponte, vivia um misto de excitação e temor. Por um lado, a cobertura da chacina parecia personificar tudo o que os fundadores da Ponte defendiam: jornalismo ético, rigoroso, reflexivo, muito distante da cobertura rala e estereotipada que a mídia vinha dando ao caso.

Por outro, contudo, havia a dolorosa constatação de que a Ponte não havia sido capaz, ainda, de juntar a “militância pelo jornalismo sério”, focado em direitos humanos e atento ao interesse público, a um modelo de negócio sustentável.

Como tornar a Ponte mais sólida, pensava, sem abrir mão do rigor jornalístico e da independência editorial?